

Pública Dívida interna mobiliza políticos

28 SET 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

Idéia é fazer um acordo entre os bancos para alongar os vencimentos

JOÃO BORGES

O clima de nervosismo que dominou o mercado financeiro no início desta semana já era antevisto pelo governo desde a semana passada. Na sexta-feira pela manhã, a pretexto de discutir o aumento de 152% concedido pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST) aos funcionários do Banco do Brasil, o presidente José Sarney reuniu na Granja do Torto o ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, o interino da Fazenda, Paulo César Ximenes, o chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes, e o líder do governo na Câmara, Luiz Roberto Ponte. O problema do Banco do Brasil foi debatido no contexto de agra-

vamento da crise, que pode chegar à hiperinflação.

Logo depois da reunião, Luiz Roberto Ponte telefonou para o deputado César Maia (PDT-RJ):

— César, o governo está disposto a fazer qualquer coisa para evitar a hiperinflação. Ontem acompanhamos com muito interesse as suas sugestões e as do deputado José Serra sobre a questão da dívida interna.

O líder do governo na Câmara fez a ligação da própria Granja do Torto. Ele se referia ao debate na TV Gazeta, quinta-feira, no qual Maia e Serra convergiram para a posição de que o ponto fundamental para combater a ameaça de hiperinflação é um acordo com o mercado financeiro para reestruturar a dívida interna. Com isso se sepultaria a idéia de calote da dívida e se reduziriam os riscos de deslocamento de dinheiro que hoje é aplicado no over para o consumo ou outras aplicações, como ouro, dólar, imóveis, o que de-

tonaria de um momento para o outro a hiperinflação.

César Maia argumentou que os políticos que estão mergulhados de corpo e alma na campanha presidencial — como é o seu caso — não podem tomar a iniciativa de propor medidas econômicas desse porte ao Congresso.

Trata-se de uma questão delicada e com desdobramentos no futuro governo. Mas estimulou a idéia de que é preciso buscar uma saída para desarmar o gatilho da dívida interna, hoje em torno de NCz\$ 160 bilhões, financiada diariamente no over. Ele acha que o Congresso aprovará medidas que surjam de um entendimento de fora do governo.

— Esses senhores têm de colocar a cabeça em cima do pescoço e se lembrar de que a hiperinflação é um fogo que queima tanto o dono da casa como as visitas — afirmou ontem o deputado César Maia durante um debate sobre as perspectivas econômicas da década de 90. Referia-se à necessidade

de o próprio mercado financeiro formular uma proposta de refinanciar a dívida interna.

Para ele, o sacrifício espontâneo de aceitar títulos de prazos mais longos é preferível ao risco de hiperinflação, que transformaria em fumaça o dinheiro aplicado hoje no over. Maia usou de uma ambientação de romance policial para expor como imagina ser esse entendimento dentro do próprio mercado financeiro:

— Dez líderes responsáveis iriam numa sexta-feira à noite para uma fazenda. Ficariam lá, sem qualquer contato externo, até domingo à tarde, quando já teriam uma proposta concreta para refinanciar a dívida pública. Tomariam avião para Brasília, sentariam à mesa com o ministro da Fazenda e o presidente da República para redigir uma medida provisória que na segunda, feriado bancário, seria enviada ao Congresso. Parte da dívida seria refinanciada, compulsoriamente, a longo prazo.